



➔ 39°3'31" N 8°51'16" W

Jornada 4 | PELA LEZÍRIA

Azambuja » Santarém

Entre **Azambuja** e **Santarém**, tem cerca de **33 km** que podem ser percorridos em aproximadamente **8 horas**.

O Caminho continua sempre em plena **Lezíria do Tejo**, território onde predominam planícies banhadas pela água que irriga e fomenta a agricultura dos férteis campos. Muitas vezes, esta paisagem, de planície aluvionar, é compartimentada por sebes formadas por espécies indígenas.

Ao longo das margens do rio, onde freixos frondosos ensombram as margens, podem surgir aprazíveis praias fluviais. O fenómeno cíclico histórico que, devido às cheias, faz alterar as margens do rio e seus afluentes e dá origem à construção de diques, imprime carácter a muitas aldeias e lugares, como **Reguengo do Alviela**, **Valada do Ribatejo** ou **Porto de Muge**.

Ao longo da caminhada, sobre o dique, surgem algumas das mais impressionantes paisagens de todo o percurso. No troço final da etapa, **Santarém**, com a sua forte presença urbana sobre o rio, perpetua a memória ancestral ligada à navegabilidade regular do Tejo e guarda um rico património cultural multiseular.

LEZÍRIA: Campo que corresponde às **terras inundáveis das margens do Tejo** e dos seus principais afluentes. A água é aqui um expressivo modelador da paisagem. A paisagem é recortada por rios, ribeiras e valas que irrigam os terrenos e criam condições para atividades agrícolas e piscatórias.

As cheias, que condicionam o uso da terra, são também motivo de produtividade agrícola. Predominam os cereais (trigo e cevada), a vinha e o milho. O girassol e o milho têm boas condições de expansão e as culturas do melão e do arroz revestem-se de alguma importância, encontrando-se esta última novamente em recuperação. Por aqui, encontra um *habitat* muito especial, onde o modo de vida exprime as condições da natureza.

Propomos-lhe que faça a sua caminhada diária em três troços, com paragens intermédias.

Entre a **Estação da Azambuja** e a **Quinta do Alqueidão**, uma distância de 6, 5 km, irá percorrer o **primeiro troço**, durante 1 hora de marcha.

Saindo da **Azambuja** pela passagem superior sobre a linha de caminho-de-ferro, junto da estação, siga em direção à **Vala da Azambuja**, onde pode caminhar pelas bermas que marginam a estrada, densamente arborizada com choupos e eucaliptos.

As valas do sistema hídrico do Tejo foram criadas para uma melhor gestão do território, fortemente dominado pelo fenómeno cíclico das cheias que alagam os campos de cultivo e algumas povoações mais expostas à riqueza sedimentar do Tejo, estabelecendo a transição entre o Litoral e o Interior. Os terrenos de aluviões, profundos e férteis, são os que têm maior produtividade agrícola, onde se praticam os regadios mediterrânicos.

De Sul para Norte encontra uma paisagem humanizada, com diversos aglomerados populacionais, onde imperam as culturas de tipo mediterrânico como o olival, trigo, vinhas, e uma mancha florestal constituída por pinheiro e eucalipto.

Neste território desenvolve-se uma fauna diversificada (a Rã-verde, a Sardanisca-argelina, a Cobra-rateira, o Mocho-galego, a Águia-de-asa-redonda, o Pintassilgo, Chamariz, a Fuinha-dos-juncos, a Gralha-preta, a Andorinha-das-chaminés, o Chapim-real, o Melro-preto, o Rato-das-hortas, o Musarinho-de-dentes-brancos e o Coelho).

As espécies mais típicas são o Tritão-de-ventre-laranja, os Rouxinóis-dos-caniços, a Laverca, a Petinha-dos-campos, a Alvéola-cinzenta, o Chapim-preto, a Lontra e os Morcegos (acantonados em grutas e algares). As mais raras são a Águia-cobreira, a Águia-calçada e a Gralha-de-bico-vermelho.

Com a **Vala** a poente e os campos de vinha a nascente prossiga entre canaviais, sempre por um caminho de terra batida, onde ainda subsistem fragmentos da antiga calçada, continuando até ao **Campo de Voo de Azambuja**, onde existe um aeródromo. Siga em frente na estrada alcatroada e prossiga até à **Quinta do Alqueidão**

por um caminho rural que lhe permite espreitar, por entre canaviais, a paisagem de pomares, vinhas e campos cultivados que têm a sua beleza especial na Primavera.

Se pretender visitar a **praia fluvial da Casa Branca**, terá de fazer um desvio à sua direita e seguir sempre para sul.

Ao passar sobre a **Vala**, estará a tomar contacto com uma realidade excecional, de grande **valor histórico e paisagístico**.

VALA REAL: é uma importante obra de **engenharia hidráulica do século XVIII**. Trata-se de uma via fluvial aberta no rio Tejo, para controlar a irrigação dos campos, permitir circulação de pessoas e favorecer o comércio, através da navegação.

O projeto foi lançado em 1748, no reinado de D. João V, com o objetivo de criar uma rede de canais, entre Azambuja e Santarém, com cerca de 26 km. A obra, impulsionada pelo Marquês de Pombal, prolongou-se pelos reinados do rei D. José e de sua filha, a Rainha D. Maria I. Na prática, correspondeu à estratégia de fomentar a rede de transportes em Portugal.

As condições de navegabilidade eram garantidas ao longo de 17 km, envolvendo os municípios de Azambuja, Carregado e Santarém. No século XIX, foi criada a Companhia dos Canais da Azambuja, entidade responsável pela boa manutenção da Vala e pela criação de infraestruturas de apoio.



Feita uma paragem para descanso e fruição da paisagem, inicie um **segundo troço**, que abrange os próximos 5,5 km. Desenrola-se entre a **Quinta do Alqueidão** e **Valada** durante cerca de 1 hora, com possibilidade de paragem no **Reguengo**.

A partir da **Quinta do Alqueidão**, continue em direção ao **dique do Tejo** por uma estrada alcatroada. A pouco mais de 1 km de distância, alcançará o dique, virando depois à esquerda. Beneficiará pontualmente da sombra dos freixos, choupos e salgueiros que crescem na base, nos taludes e ao longo da estrada. Na proximidade do **Reguengo**, antes de entrar na povoação, pode desviar à sua direita e ir até **Palhota**, percorrendo cerca de 1 km.

A **Palhota** é uma antiga aldeia de pescadores avieiros, reconhecida pelas singularidades das suas populações que habitam nas casas de madeira, pintadas em cores fortes e erguidas em palafitas para resistirem aos ciclos do Tejo. Nesta aldeia viveu o escritor Alves Redol (1911-1969).

AVIEIROS: são pescadores oriundos de Vieira de Leiria, de Leiria e de Ílhavo, que migraram para as margens do Tejo, onde se fixaram em características aldeias de casas de madeira, junto de cais formados por estacas sobre o rio. Estas comunidades trouxeram consigo técnicas e hábitos que se traduziram num modo de vida singular, com manifestações culturais próprias.

Os traços da cultura avieira são as embarcações, as artes da pesca, as casas e cais palafíticos e a saborosa gastronomia, confeccionada com peixes do rio. O escritor Alves Redol celebrizou as vivências deste património cultural no seu romance “Avieiros”, obra de referência da estética do Neo-Realismo.

Embora tenham já desaparecido as comunidades avieiras, mantêm-se muitas das ambiências locais, bem como memórias deste património em permanente valorização.



➔ 39°3'36" N 8°47'54" W

Regressando ao percurso, pode fazer uma pausa na aldeia do **Reguengo**. Avance agora sobre o dique empedrado, com o **Tejo** a nascente e a **Lezíria** a perder de vista. Passe em frente da **Quinta da Mota de Frade** e entre em **Valada**, uma importante freguesia agrícola do Cartaxo, onde se destacam as culturas da vinha, girassol, milho e melão. Na povoação, destaca-se a **Igreja Matriz**, com uma invocação invulgar a Nossa Senhora do Ó, cuja edificação original é de 1211 e reedificação de 1528.



➔ 39°3'46" N 8°49'26" W



➔ 39°4'54" N 8°45'28" W

Aqui, bem próximo do rio, pode recuperar e fazer uma pausa na mata equipada com parque de merendas, contando ainda com uma praia fluvial, que é local de encontro mas também miradouro privilegiado para observação do Tejo. Está preparado para continuar e fazer o **terceiro troço** deste quarto dia de caminhada, entre Valada e Santarém, numa distância de 18 km, que pode ser percorrido em aproximadamente 4 horas.

Ao longo desta última fase do seu percurso diário, tem boas oportunidades para efetuar paragens intermédias. Em **Porto de Muge**, pode mesmo atravessar o rio Tejo, percorrendo a **Ponte Rainha Dona Amélia**, uma notável obra de engenharia e arte, inaugurada a 14 de janeiro de 1904, pelo rei Dom Carlos I, para a circulação ferroviária. Atualmente é utilizada por algum tráfego rodoviário e pedonal. Se decidir fazer um breve percurso de ida e volta, deve sempre ter atenção à segurança.

Do tabuleiro da ponte maravilhe-se com a paisagem do Tejo. Atravessando o tabuleiro da ponte, chega a **Muge**, povoação localizada na margem esquerda da ribeira com o mesmo nome (um afluente do Tejo), que foi couto do Mosteiro de Alcobaça até ao início do século XIV, momento em que é entregue à Coroa.

Em 1648, os duques do Cadaval tornam-se seus donatários, construindo o palácio e a quinta. Visite o **Palácio dos Duques de Cadaval**, que conserva a fachada original, ladeada por dois corpos sobre-elevados com arcaduras e alpendre. A casa organiza-se em torno de um pátio onde se destaca a Capela de Nossa Senhora da Glória, construída no século XVIII.

Em frente do palácio persiste uma **ponte de origem romana com arcatura medieval**. Vale a pena visitar a **Igreja Matriz de N^a Senhora da Conceição**, construída em 1297 por Afonso Pais, pároco de Salvaterra. O templo foi reformado nos séculos XVII e XVIII.

Retorne a **Porto de Muge**. Siga sobre o dique e vislumbre velhas quintas: **Quinta das Palmeiras** (onde se destaca a alameda que lhe deu o nome); **Quinta do Pedroso**; **Quinta das Varandas**, pintada de branco e azul.

Desça o dique cerca de 1,5 km, depois de passar a **Quinta do Malpique**, fazendo um pequeno desvio à esquerda para logo (300 metros) tornar à direita, seguindo uma estrada rural de terra batida paralela ao Tejo. Esta estrada atravessa pequenas propriedades e aproxima-se de **Caneiras**, no município de Santarém. Nesta povoação, localiza-se também património de mais uma **aldeia avieira** do Tejo.



Por entre extensões de vinhedos, o Caminho começa a afastar-nos do rio e do seu dique. Percorre parte da Estrada Nacional e entra na área urbana de **Santarém** pelo antigo povoado ribeirinho de **Marvila**, percorrendo a extensa **Rua de Marvila**, o eixo viário estruturante deste núcleo ribeirinho. Por aqui, pode já conhecer monumentos notáveis como a **Igreja de Marvila** e o **Chafariz das Figueiras**.

Para chegar à cidade alta, terá de subir a íngreme **Calçada da Junqueira**. O percurso termina na **Praça Sá da Bandeira**, junto da **Catedral** e da **Igreja de Nossa Senhora da Piedade**.

A cidade de **Santarém**, o grande centro urbano da Lezíria, ergue-se sobranceira ao rio Tejo, propiciando um panorama mais extenso sobre a paisagem envolvente. A herança da sua ancestralidade é bem visível no rico património histórico-cultural, com testemunhos desde ocupação romana e árabe. Local de residência da itinerante corte medieval, prosperou ao longo dos séculos e foi elevada a cidade em 1868.

SANTARÉM: tem particularidades topográficas que condicionaram o desenvolvimento da malha urbana. A cidade implanta-se numa zona planáltica sobranceira ao rio, à altitude média de 103 metros. Dela fazem parte também dois núcleos urbanos ribeirinhos (Ribeira de Santarém e Alfange), erguidos a uma altitude média de 8 metros, na margem direita do rio Tejo.

Santarém destaca-se pela quantidade e qualidade do património classificado. Em 1910, inicia-se um processo sistemático de classificação do património histórico edificado, incluindo património civil e industrial. Com a justificação sustentada na história e na preservação patrimonial, tangível e intangível, puseram-se em prática processos de classificação que incluem exemplares como as portas da Alcáçova, as janelas manuelinas e renascentistas, igrejas e conventos góticos, edifícios religiosos e civis renascentistas, maneiristas e barrocos e equipamentos contemporâneos, como o Mercado Municipal.

No dia da chegada, se o tempo o permitir, ou no dia seguinte pela manhã, deleite-se a percorrer as ruas desta cidade, penetrando pela **alcáçova** e observando as muralhas. No jardim das **Portas do Sol** avista o vasto território da margem sul do Tejo. Bem próximo, vale a pena conhecer a **Casa-Museu Fundação Passos Canavarro**, que alberga um excelente museu de arte e história e preserva o quarto do escritor romântico oitocentista Almeida Garrett.

Os monumentos representativos do gótico fazem parte da memória cultural da cidade, com destaque para a Igreja de **São João de Alporão**, a **Igreja da Graça** (onde se encontra o Túmulo de Pedro Álvares Cabral, descobridor do Brasil), o **Convento de São Francisco**, fundado em 1242 para casa de uma Ordem Religiosa mendicante, bem como o **Convento de Santa Clara**.

Não deixe de visitar a **Catedral** (antiga igreja da Companhia de Jesus), dedicada a Nossa Senhora da Conceição, com a imponente fachada do século XVII.



O interior do templo, de uma só nave, possui oito capelas laterais, onde os elementos artísticos do Barroco reforçam a profundidade estética, bem presente na talha e na pintura do teto, com um traço de notável fidelidade na iconografia da ascensão de Nossa Senhora. Logo ao lado, o **Museu Diocesano**, distinguido em 2016 com o Prémio da União Europeia para o Património Cultural /Prémios Europa Nostra.



➔ 39°14'13" N 8°41'7" W